

MÚSICA E FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE

Abigail Somavilla*

Resumo: É importante perceber a íntima ligação entre a música e a filosofia, que quase sempre é desprezada pelos filósofos. Esta ligação é observada ao longo dos séculos, desde Pitágoras, vindo até os dias de hoje, sendo manifestada nas obras dos filósofos que se preocupam com a área da filosofia denominada Estética. Porém, antes de preocupar-se com aquilo que os mais importantes filósofos antigos entendem por música e sua função, é necessário que se distinga a música prática, sensível, como comumente é vista, da música que está além do sensível, isto é, transcendente e inaudível, ou ainda teórica. Pitágoras, além de sua ampla contribuição para a filosofia, no ramo musical, foi o primeiro a perceber que havia uma variação entre a altura das notas, isto é, os intervalos. Pitágoras, inspirado por Dâmon de Atenas, defende a influência da música no movimento da alma humana, podendo inserir e modificar comportamentos. Posteriormente, Platão irá diferenciar a música como *techné*, da música como *episteme*, valorizando logicamente a música como conhecimento verdadeiramente útil, e quase desprezando a música como simples apreciação, ao contrário de Aristóteles que verá no ócio algo importante para a formação, passando a valorizar a música como um valor subjetivo e particular.

Palavras-chave: Música. Antiguidade. Pitágoras. Platão. Aristóteles.

Introdução

Quando se fala em música e filosofia, é geralmente difícil para a maioria das pessoas estabelecer um conceito entre essas duas áreas do conhecimento. Será a música mera expressão de sentimentos? Onde há música não haverá filosofia, e vice versa? Porém, encontramos citações de filósofos relacionadas a música desde a antiguidade, mais precisamente, desde Pitágoras¹, o descobridor das relações matemáticas que existem entre os sons.

Tem-se a impressão de que hoje a música deixou de ser inspiração das mitológicas Musas e tornou-se algo bastante marginalizado, se perdendo bastantes valores antes

* Acadêmico do curso Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS – E-mail: bigasomavilla@gmail.com.

¹ Filósofo grego do século V a.C.

relacionados a ela. Na antiga sociedade grega, a música não era compreendida apenas como um agrupamento de sons ligados à sensação de prazer como hoje, mas juntamente se entendiam a poesia, a dança e a ginástica como saberes equivalentes. Se a música e a poesia tornavam o homem doce e meigo, a ginástica tinha por objetivo endurecer o homem, havendo assim um equilíbrio, ou em linguagem aristotélica, um meio termo na formação do bom governante.

Todas as atividades estavam acompanhadas pela música, festas, banquetes, trabalho, podendo assim, a música ser considerada quase como uma segunda língua. O que as palavras não são capazes de dizer, a música consegue expressar, em Platão, por ser inspiração divina e sobrenatural.

Uma distinção que se faz necessária antes de adentrar no pensamento dos principais filósofos antigos, é a visão concreta da música como sons, diferenciada da visão metafísica da harmonia, termos que, no entanto, eram vistos em uma visão conjunta, como um todo. É possível colocar dois sentidos para a música: pode ser a arte dos sons em si, audível e perceptível, e também a música não audível, a teoria, a música em excelência no mundo ideal platônico.

1 Pitágoras

Pitágoras, o primeiro a descobrir que poderia haver uma relação entre os sons, afirmava estar nos números a base do universo, isto é, praticamente tudo poderia ser explicado através dos números. A harmonia dos sons refletia a harmonia do *cósmos*, por isso sendo também transcendente, em outras palavras, o universo é organizado exatamente da mesma forma que o mundo, nas mesmas relações e na mesma harmonia, tanto entre os planetas, como entre os seres humanos. Por isso, é possível dizer que a harmonia do universo é exatamente igual à harmonia do mundo sensível habitado pelo ser humano.

Os intervalos musicais descobertos com o monocórdio² foram medidos empiricamente por números, e segundo Pitágoras, imitavam a harmonia³ universal (aqui sendo harmonia no

² Instrumento que possui uma caixa de ressonância geralmente feita de madeira, sobre a qual é estendido um único fio cuja frequência sonora é modificada pela pressão em pontos específicos possibilitados por cavaletes móveis.

³ É interessante aqui citar o mito grego da personagem Harmonia, pois é onde está baseado o sentido do termo até hoje. Harmonia era filha de Ares e Afrodite, isto é, o deus da guerra e a deusa do amor. Dessa relação de opostos nasce Harmonia. Tanto a harmonia musical, na contradição entre grave e agudo, lento e rápido, como a harmonia universal do cosmos que é refletida no outra, colocando o princípio da alteridade.

sentido de um ajustamento mútuo) e, portanto, possibilitavam o equilíbrio físico e mental, como no equilíbrio entre as notas produzidas pelo movimento dos planetas, como fosse uma grande orquestra. A produção de notas e intervalos musicais pelo movimento dos planetas é a teoria chamada "Música das esferas", discutida por vários estudiosos ao longo dos séculos e confirmada pela NASA no ano de 2004.

Tendo os números valores morais, a música, sendo formada por relações entre números, também possui valor moral, podendo assim ser tema de discussão filosófica. Uma teoria do filósofo Damon de Atenas, do séc. V a.C., e retomada alguns anos mais tarde por Pitágoras, afirma a grande influência dos sons sobre o espírito humano e a sociedade, produzindo a *catarse*, isto é, a purificação. Como diz a professora Lia Tomás: "A música não só pode educar o espírito como também corrigir as más inclinações: a música imita uma determinada virtude e quando escutada elimina o vício ou inclinação que a antecedeu". (TOMÁS, 2004).

As melodias gregas estabeleciam modos, isto é, determinadas escalas com tons e semitons em posições específicas segundo sua região de origem, que causavam na alma movimentos distintos, resultando assim em comportamentos distintos. Pode-se dizer que ainda hoje é usado este princípio damoniano da influência da música na alma humana, tanto sendo da música como relaxamento, como da música como possibilidade de cura, como é o caso da chamada Musicoterapia, que usa de melodias distintas para casos distintos de doenças e comportamentos.

2 Platão

Ao avançar alguns anos, encontra-se Platão, que cita diversas vezes a música em suas obras, especialmente nos diálogos socráticos. Em Platão, a música oscila de mal à suprema forma de beleza e meio para o Bem Supremo. Platão se contradisse? Crê-se que não. Veja-se a seguir o porquê.

No diálogo Górgias, Platão, coloca a música na boca de Sócrates com o termo *techné*, que geralmente é tomado no sentido de arte manual, ou técnica, termo que é usado para definir uma ciência prática, que antecede o racional.

Sócrates — Então, comecemos. Já que te apresentas como entendido na arte da retórica e também como capaz de formar oradores: em que consiste particularmente a arte da retórica? Assim, por exemplo, a arte do tecelão se ocupa com o preparo das roupas, não é verdade?

Górgias — Sim.
Sócrates — E a música, com a composição do canto?
Górgias — Sim (PLATÃO).

Aí, pode-se colocar a seguinte questão: A música constitui uma *tèchné*, ou pode ser definida com *epistemé*? Defina-se primeiramente ao menos o que seja *techné*:

Techné é colocada como uma arte prática, um ofício que envolve um senso lógico de conhecimento baseado no empirismo, isto é, no que o homem pode conhecer racionalmente através da experiência, no que é possível conhecer dentro da caverna. Pode-se dizer que é uma espécie de ciência baseada nas sombras, na *doxa*.

Na rememoração platônica, *techné* constitui criação e intenção, isto é, o homem cria algo, baseado no que experimentou no mundo ideal, com um fim prático de existência. A música comum, criticada como mal vicioso por Platão, deriva puramente da *techné*, mas o filósofo coloca como bem para a educação a *techné* associada à *epistemè*, às ideias inteligíveis da harmonia, dita como música inaudível. Em outras palavras, a música torna o homem bom quando inspirada nas ideias do mundo inteligível, e faz do homem mau quando inspirada em qualquer outra fonte que foi criada e por isso sujeita ao devir, ou seja, no prazer.

Portanto, a música não é pura *techné*, e nem pura *epistemé*, mas a associação de ambas como um todo, espelhada no mundo ideal, uma dicotomia que coloca o ser tanto no mundo sensível como no mundo inteligível, como uma ponte entre esses dois mundos.

A música quebra as barreiras ditas intransponíveis do mundo real e do mundo platônico transcendente. É por isso que desde suas origens a música acompanha o ser humano, seja na forma de combinação de sons que tivesse sido, mas foi sempre vista como uma forma de alcançar aquilo que está além do conhecido através do mundo físico.

Desde a pré-história, o ser humano tem noção de que do nada, nada pode vir, e por isso criou deuses e seres superiores para tentar explicar a origem do ser. Em um sentido de reconhecimento, criaram rituais para que pudessem dar seus louvores a eles e aí, dos sons existentes, a música passou a existir.

Note-se que a música surgiu como forma de alcançar o inatingível, porém, foi perdendo este seu caráter ao longo dos séculos. Outro caráter da música que foi perdido ao longo dos séculos é seu caráter de práxis, isto é, nas antigas sociedades pré-históricas, os sons também serviam como alerta e comunicação. Praticamente nenhuma dessas características permanece hoje, fora do âmbito religioso, tendendo hoje, a música ao mero prazer que leva o ser humano ao fracasso intelectual e existencial, fato que seria completamente abominado por Platão como se verá a seguir.

No terceiro livro da República, Platão especifica o tipo de música necessária ao homem virtuoso. A música é válida, desde que não seja baseada no virtuosismo e na exibição dos dotes, desde que não leve à explosão das paixões e ao prazer, induzindo o homem ao vício. Porém, a arte dos sons é vista como necessária à educação, pois pode ser considerada como objeto da razão (metafísica), isto é, pode ser pensada como conceito, quando não possui relação com o mundo físico.

E, decerto, por esta razão, meu caro Glauco, que a educação musical é a parte principal da educação, porque o ritmo e a harmonia têm o grande poder de penetrar na alma e tocá-la fortemente, levando com eles a graça e cortejando-a, quando se foi bem-educado. E também porque o jovem a quem é dada como convém sente muito vivamente a imperfeição e a feiura nas obras da arte ou da natureza e experimenta justamente desagrado. Louva as coisas belas, recebe-as alegremente no espírito, para fazer delas o seu alimento, e torna-se assim nobre e bom; ao contrário, censura justamente as coisas feias, odeia-as logo na infância, antes de estar de posse da razão, e, quando adquire esta, acolhe-a com ternura e reconhece-a como um parente, tanto melhor quanto mais tiver sido preparado para isso pela educação (PLATÃO).

A música inaudível, ou metafísica, reflete a harmonia do universo (e não, é a harmonia do universo, como pensava Pitágoras, eis a principal diferença entre o pensamento musical platônico e o pitagórico), sendo assim, uma suprema forma de beleza, na qual deve estar espelhada na harmonia da alma e da vida do filósofo que governará a República.

Reafirmando Dâmon por Pitágoras, Platão acredita também na influência da música na alma humana, por isso sendo capaz de modelar o ser humano para o bem quando bem utilizada, ou para o mal, se não usada adequadamente. No livro XIII da República, o filósofo afirma que o melhor guardião da virtude é a razão, aliada à música, necessária àquele que tende a governar a cidade: "A razão aliada à música. Só ela, quando entranhada na alma, se mantém toda a vida como defensora da virtude" (pág. 312). Da razão deriva a técnica, porém, Platão afirma ainda a inspiração das Musas sobre os músicos, por isso sua influência na alma humana, e é essa a combinação da música necessária à formação do bom governante.

O que o poeta canta não deve derivar apenas de sua *δόξα* (*doxa*), mas deve derivar da *ἐπιστήμη* (*episteme*), dos conceitos verdadeiros rememorados do já vivido pela alma no mundo das ideias, pois a alma conhece a forma suprema da música, apenas é preciso torná-la o mais próximo possível da música suprema. É a perfeição buscando a perfeição.

Em Platão, a música não deve ser apenas ouvida como distração ou prazer, mas como necessária à educação do guardião, por isso sendo colocada no *quadrivium*, isto é, o 'plano de ensino' platônico, sendo extremamente necessária para entender a dialética, como objetivo final da educação.

Assim, a música é colocada, resumidamente, como racional, inspirada, e emotiva. Racional por ser também filosofia e fruto do pensamento humano, inspirada por ter origem no sopro das Musas, e emotiva, pois causa emoção e influências na alma e no comportamento humanos.

Os três espelhos usados para refletir essas qualidades são, respectivamente, Apolo, deus da razão; as Musas, inspiradas por Apolo, que por si inspiram os homens, e Dionísio, o deus da volúpia, das emoções, e da criação. Todos estão interligados, porém, domina Apolo, que além de ser o deus da razão, era também invocado antes das guerras, reafirmando a dicotomia que se encontra também na Harmonia.

3 Aristóteles

Aristóteles, mesmo sendo discípulo de Platão, se distancia em muitos pontos das ideias do mestre. Enquanto em Platão, a música é vista unicamente como instrumento para a formação do homem virtuoso, o estagirita introduz um conceito hedônico da música também como instrumento de prazer, sendo influenciado pelo pensamento helenístico da época.

Nossa primeira indagação é se a música não deve ser incluída na educação, ou se deve, e em qual dos três tópicos que já discutimos sua eficácia é maior: na educação, na diversão ou no entretenimento. É necessário incluí-la nos três, e ela parece participar da natureza de todos eles. A diversão visa ao relaxamento, e o relaxamento deve ser forçosamente agradável, pois ele é um remédio para as penas resultantes do esforço; há consenso quanto ao fato de o entretenimento dever ser não somente elevado, mas também agradável, pois estas são duas condições para a felicidade. Ora: todos nós afirmamos que a música é uma das coisas mais agradáveis, seja ela apenas instrumental, seja acompanhada de canto, (...), de tal forma que também por este motivo se deve supor que a música tem de ser incluída na educação dos jovens. (ARISTÓTELES)

A música é necessária à educação, porém, está intimamente relacionada com o descanso, com o lazer, tendo em vista que este também é necessário à educação. O filósofo valoriza mais a escuta que a prática instrumental e vocal. Com sua ética do meio termo, é possível pôr a música apropriada como um meio termo entre o prazer e a práxis. Não apenas o prazer, e não apenas o sentido prático e utilitário, mas o meio termo, a música como necessária para a formação do ser humano, seja como distração ou como objeto do filosofar. Concordando com seu mestre, Aristóteles afirma com Pitágoras e Dâmon, que os modos gregos antigos influenciam o *ethos* humano possuindo caráter próprio, porém, com um caráter mais prático.

Em sua teoria mimética, Aristóteles afirma a arte ser uma imitação do mundo, ao contrário de Platão, que acreditava no mundo ideal, sendo a arte uma imitação desse mundo. Aqui, a música passa a ser a imitação da alma humana, passa a ser subjetiva e exteriorizar o interior do ser humano, assim, começa a ser fruto mais da *episteme* que da *techné*, e o sentimento está intimamente ligado, ao contrário de Platão onde o que estava ligado à música era o comportamento. Em Aristóteles também há essa preocupação com o comportamento, porém ela é maior em Platão.

Para que possam entender e julgar com propriedade as melodias necessárias à formação, as crianças devem aprender desde cedo a prática do instrumento, porém, apenas quando crianças. Todos os jovens buscam se guiar pelas paixões e pelos prazeres. Assim, Aristóteles coloca a música como saída válida, pois é um prazer que educará a alma se bem utilizada, pois, ao contrário de Platão, afirma que todos os modos podem ser usados, porém, no momento propício.

O estagirita ainda afirma que a alma deve ser educada, para que possa reconhecer onde estão as virtudes incrustadas como ouro em meio a rocha das melodias. Por isso a educação musical quando criança, e não quando adulto. Se apenas depois de adulto a alma fosse educada musicalmente, pouca coisa se poderia fazer, pois as melodias impróprias, e por isso ditas más, já teriam realizado seu trabalho na alma.

Conclusão

Assim, é possível ver que a música está mais intimamente ligada à filosofia e à sua história do que é comum imaginar. Não só os filósofos antigos exploraram o tema musical em suas obras, mas por toda a história da filosofia vemos passagens, citações, e até mesmo obras filosóficas completas que buscam explicar essa relação íntima entre a arte do saber, e a arte dos sons.

Talvez esteja aí a relação principal: filosofia é arte, e música, sendo arte, é filosofia também. Por isso não podem estar dissociadas. Como Platão, é importante colocar a música em seu devido lugar na filosofia, valorizando seu caráter de modificar o *ετος* (*ethos*) humano. Talvez assim, educando corretamente o ser humano através da música, possa haver uma *pólis* perfeita, com os valores proporcionados pela mais sublime forma de arte e expressão, que acompanha o ser humano ao longo de sua evolução.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de M. da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1997.

FUBINI, Enrico. **Estética da música**. Coimbra: Edições 70, 2008.

NASCIMENTO, Zilpha Carvalho Barros do. **Música em Platão: arte ou ciência?** TCC. Campinas: Unicamp, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000296049>.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1997.

PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Grupo de discussão Acrópolis; Homepage: <http://br.egroups.com/group/acropolis>. Publicado em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/gorgias.pdf>.

TOMÁS, Lia. **Música e Filosofia: estética musical**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.